

Democracia participativa na Uberlândia dos anos de 1980 – uma “prece democrática”.

CARLOS MENESES SOUSA SANTOS¹

Resumo:

Este trabalho trata da discussão do projeto político-social de *democracia participativa* vivido na cidade de Uberlândia, na década de 1980. A proposta de *participação popular* foi vivida de maneiras diferenciadas, sendo que estas diferenciações estabeleceram, ao mesmo tempo em que expressaram, o caráter múltiplo e desigual das relações sociais mantidas em condições históricas específicas. Enfrentando um estado de tensão permanente, os conflitos se davam no desejo dos sujeitos sociais em pertencer à cidade e se incluir nela. Este texto, por este entendimento, apresenta como um determinado grupo social se fez portador de um discurso de mudança social, este significado na democratização política como oposição a uma ordem social excludente e autoritária.

Texto:

Há expectativas de liberdade onde se viveu um estado social de opressão. As transformações instituídas no padrão liberal de democracia, que se forjaram no final da década de 1970, estabeleceram-se como alternativa a um regime de ditadura militar, em ordem social capitalista no Brasil. Estas mudanças, em sua significação, foram feitas sinônimos de justiça na Uberlândia dos anos 1980.

A “prece democrática”, com a significação da esperança, encontrou na vida dos moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças, no início dos anos 1980, desejos de mudança. Aspectos que foram reunidos na expectativa criada pela possibilidade de transformação das condições de vida destes habitantes de Uberlândia.

Quando, em 1982, realizou-se a disputa eleitoral pelo Poder Executivo em Uberlândia, o grupo do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), personificado politicamente na imagem de Zaire Rezende, foi enfático em sua posição oposicionista: *em consequência do autoritarismo e suas mazelas – a corrupção e a*

¹Graduando do Curso de História/Instituto de História – Universidade Federal de Uberlândia. menesesufu@hotmail.com. Trabalho desenvolvido com orientação da professora Dr^a Heloisa Helena Pacheco Cardoso; PIBIC/CNPq.

*malversação dos recursos públicos, o sentimento oposicionista permeia o Brasil de norte a sul. O povo quer mudar. Uberlândia não foge à regra.*²

Zaire Rezende identificou o autoritarismo dos governos militares como (o) produtor das mazelas sociais vividas no país. Apresentou a corrupção das ações públicas e o *mal uso* do dinheiro público como problemas decorrentes deste autoritarismo, o qual deveria ser enfrentado, pois a opinião pública insatisfeita movimentava-se pelo desejo de mudança, também em Uberlândia.

O PMDB, zairista, ao falar aos descontentes com a condição social que viviam, em mensagem divulgada em sua *Proposta para Ação do Governo Municipal*, apresentou o autoritarismo dos governos estabelecidos como inimigo a ser enfrentado e vencido no embate social, digo na disputa eleitoral. Sendo que ao mesmo tempo se considerava a expressão do desejo de mudança que estava sendo gestando.

Nesse sentido, os peemedebistas apresentaram assim os anos iniciais da década de 1980:

*no Brasil a regra geral tem sido as cidades crescerem em dois opostos: por um lado, surgem grandes edifícios e avenidas, realizam-se obras fantásticas, o setor público ergue suntuosas edificações e, por outro lado, crescem as favelas e a marginalidade, bem como as condições de vida se deterioram; enfim, a miséria cresce ao lado da riqueza. Uberlândia está entrando nessa regra geral.*³

A análise procura demonstrar, ou se preferirmos reconhece, um quadro acentuado de desigualdade social que estaria consolidado no Brasil. Contudo, apresenta a cidade de Uberlândia ingressando nessa que seria a regra geral. No entanto, o município poderia, ainda, reverter a condição em que se encontrava, já que não estava de todo preso à *realidade nacional*.

Com esse discurso os peemedebistas faziam uma referência explícita à associação entre os administradores públicos no município e os militares em sua gestão federal, os quais atuavam em sintonia com os governos locais na promoção do desenvolvimento econômico das elites que compunham, na cidade, o campo de interesses defendidos explicitamente pelo Partido Democrático Social (PDS), grupo personificado politicamente, em sua maior expressão, em Virgílio Galassi.

O enunciado procura estabelecer os pedessistas como o apêndice dos *interesses autoritários* do regime ditatorial no município, atribuindo a essa associação a condição

2 REZENDE, Zaire. *Proposta para Ação do Governo Municipal*. Uberlândia, 1982.

3 Idem.

de pobreza e insatisfação em que muitos viviam. Produzindo o questionamento da direção social, por parte do governo federal, tinha-se como estratégia atingir primeiramente a fração das elites que tinham sua ideologia pressionada pela perda do consenso⁴ do seu projeto político no município, este sintetizado na máxima do *desenvolvimento econômico* como o próprio *progresso social*, exaltado pela quantidade de empresas e materializado em grandes obras públicas.

Marilda Machado, moradora da cidade de Uberlândia, no Bairro Nossa Senhora das Graças – desde 1979, quando adquiriu uma das primeiras dez casas construídas no local, contou, ao ser inquirida sobre aquele processo eleitoral, que

as pessoas estavam prontas (...) Uberlândia é uma cidade que sempre teve quem manda e quem obedece ... Mas naquela hora a gente rompia com tudo. Rompia com o governo federal, rompia com esses laços ... A gente tava livre ... A gente, teve uma época, que a gente só tinha dois prefeitos na cidade: Renato de Freitas e Virgílio Galassi, Renato de Freitas e Virgílio Galassi, Virgílio Galassi e Renato de Freitas, e foi assim por muito tempo. Apareceu um terceiro, que era o salvador da pátria, que chegou (pausa) e criou aquela expectativa.⁵

O terceiro, o salvador da pátria, anunciado pela ex-diretora da Associação de Moradores, era Zaire Rezende. Ao relembrar os primeiros anos em sua nova casa, no Bairro Nossa Senhora das Graças, a moradora de Uberlândia apresentou, em sua narrativa, um momento de expectativas frente a possíveis alterações em suas condições de vida, devido a vitória eleitoral do prefeito peemedebista.

Sua fala identifica uma cidade polarizada entre quem *manda* e quem *obedece*. No grupo dos que mandam reconhece os ex-prefeitos Virgílio Galassi e Renato de Freitas. Comunica, contudo, que essa condição que perdurava há muito tempo foi transformada com a “quebra” daquela alternância quase que dinástica entre os governos citados.⁶

4 A idéia de *consenso* é apropriada neste texto conforme a conceituação de Gramsci, que ao buscar entender como se deu a unificação da Itália (Risorgimento), na segunda metade do século XIX, apresentou como *consenso* a conquista do apoio social por parte de frações das elites (tanto em relação às classes dominadas quanto às demais frações das classes dominantes), em torno de uma *direção social*. Por *direção social* o autor, e militante italiano das segunda e terceira décadas do século XX, se referiu à capacidade de um determinado grupo de interesses em apresentar, vencer e conduzir, na disputa no social, um projeto de sociedade, sendo este garantido pela força, mas também pela pactuação, ou seja, pelo consentimento social em torno de um padrão cultural estabelecido de vida. Essa direção foi chamada por Gramsci de *hegemonia social*. Sobre essa análise ver: GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere – Volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

5 Entrevista concedida ao autor por Marilda Machado Barros, em abril de 2005. Marilda tem 53 anos, é natural de Uberlândia e foi presidente da Associação de Moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças.

6 Renato de Freitas e Virgílio Galassi se alternaram no controle do poder executivo municipal desde a década de 1960: Renato de Freitas foi Prefeito Municipal nos mandatos de 1967/70, 1973/76; Virgílio Galassi comandou a Prefeitura Municipal nas administrações de 1971/72, 1977/82, 1989/92 e 1997/2000.

Com isso, a esperança de mudanças sociais que beneficiasse a ela e a outros se fazia presente. Uma sensação que era vislumbrada na conquista eleitoral de Zaire Rezende (o salvador da pátria?). Uma vitória que em si mesma alterava a ordem política que vinha se mantendo há certo tempo; afinal, a oposição peemedebista chegava ao poder Executivo Municipal.

Dizendo que as pessoas estavam prontas para viver as mudanças que, refletidas pelas expectativas da consciência, projetavam no horizonte um futuro diferente, Marilda nos revela que naquele momento os zairistas se fizeram, e foram reconhecidos por muitos, como a própria expressão do desejo de liberdade entoado nos bairros mais pobres da cidade. O “rompimento” com o arranjo político que os renegava à condição de expropriados e explorados possibilitava a expectativa do novo, de uma nova ordem que pudesse os tirar das condições de dificuldade que viviam, mas também já os liberavam das amarras do que existia, por isso, talvez, a sensação de liberdade.

Marilda Machado narra, em sua entrevista, o que encontrou no local onde viveria e criaria seus três filhos, ao mesmo tempo em que revelou o que, naquele momento, gostaria de ver transformado:

quando nós chegamos no Nossa Senhora das Graças era um conjunto de apenas dez casas ... Junto com as dez casas só tinha um ... armazém, a gente vai chamar assim ... depois começaram a vir outros, mas muito devagar ... A princípio o mato, a vegetação, crescia ao ponto de cobrir as nossas casas; a escola que os nossos filhos tinham era a Escola Cruzeiro do Sul, a passagem era no meio do brejo, não existia uma passagem onde passasse carro.

A conquista da casa própria, para a família de Marilda, representou sua inserção na configuração do espaço urbano e na vida social no município. Pertencer à cidade e se incluir nela foi uma prática pessoal que atribuiu, ao mesmo tempo em que incorporou, a posição social que ocuparia na condição em que ela própria reconheceu como sendo a de quem *obedece* frente a quem *manda*.

Tal condição traz à tona o caráter desigual da ordem social que Marilda esperava fosse transformada. A luta travada pela conquista da educação de seus filhos, as dificuldades encontradas em pertencer ao circuito do consumo, ao mesmo tempo em que tinha sua vida orientada por ele, as doenças e as dificuldades encobertas pelo matagal que delimitavam suas moradias, revelavam o lugar pensado, pelas elites, para o desenvolvimento da vida de sua família e a de seus vizinhos.

O local de reconstrução dos seus modos de vida apresentava dificuldades para a população que teve de se alojar em terrenos desprovidos da mínima infra-estrutura. A

mesma condição foi vivida por Joaquina Aparecida, vizinha de frente de Marilda Machado, que também relatou como foi viver no bairro naquele momento:

quando a gente chegou aqui ... isso aqui era um lugar muito difícil. Buraco? Meu deuzo! Que coisa feia, que trem absurdo ... Eles chamavam a televisão pra vim filmar os buraco, o povo vinha, filmava, depois passava aquela feiúra na televisão, que vergonha (risos). Olha, carro? Qualquer chuveirinho que desse abria aquelas valeta enorme ... Fulano vou lá na casa da Joaquina, ele tinha que parar lá ... cabá de chega a pé. Meu menino estudava, eu tinha que levar ele longe pra ele pegar a Vã, porque a Vã não tinha como ela vir aqui. Nada vinha aqui ... que naquela época isso aqui era tudo mato ... e mato fechado. Então, eu falava assim pro marido ... pro cê passar ali no meio dos buraco o cê tem que sair pulano (...) pro cê passar dentro do mato um lugar perigoso.⁷

Joaquina mudou-se para o Bairro Nossa Senhora das Graças em 1985, onde e quando conseguiu ter sua própria casa. Já mãe de um filho viveu o que Marilda Machado já conhecia desde 1979. Em seu lugar social conviveu com a humilhação de ter sua condição de pobreza exibida na emissora local de televisão, o desconforto de ter que comunicar aos que fossem lhe visitar que de carro não se chegava à porta de sua casa, ao descaso de ter que ordinariamente driblar ora o mato, ora os buracos, na condução de seu filho pequeno até o veículo que o levaria à escola, esta distante por não haver em seu bairro.

Joaquina contou, ainda, que:

quando eu cheguei aqui tinha água, mas tinha lugar aqui que não tinha ... Tinha um poço, uma água que nascia ali, que eu ficava indignada de vê aquele povo buscar água lá. Chegava lá, aquela água amarela (pausa), aquela água amarela correndo ... Eles fervia aquela água pra eles beber. Era uma água limpa? Era, porque eles pegava ela lá dentro do buraco ... eles punha o balde lá, e ela ficava correndo lá ... A hora que aquele balde enchia ês ia e despejava lá, e já punha o pano praquele barro i assentando no pano ... Eles fervia a água pra depois eles toma ... Eu vivi muito isso aqui.

A moradora de Uberlândia, estimulada na entrevista a rememorar os primeiros anos no Bairro Nossa Senhora das Graças, conta o quanto foi sofrido viver, ou ver ser vivido por outros moradores, situações humilhantes como a de não terem acesso ao fornecimento de água e precisarem desenvolver estratégias cotidianas como a de se submeter à situações como a narrada por Joaquina, para usufruírem de algo tão imprescindível e elementar à garantia de uma vida digna, como, no caso, a água encanada e potável.

⁷ Entrevista concedida ao autor por Joaquina Aparecida Moreira, em abril de 2005. Joaquina têm 43 anos e mudou-se de União de Minas para Uberlândia quando tinha seis anos. A entrevistada é costureira e tem um filho.

Joaquina nos faz pensar, quando nos revela sua experiência, que morar no bairro Nossa Senhora das Graças, nos anos 80, não significou a mesma condição para todos. Para alguns as dificuldades revelavam-se mais presentes do que para outros, pois sendo este bairro habitado, em sua grande maioria, por trabalhadores expropriados da cidade, alguns não conseguiam ter acesso nem aos mais elementares serviços públicos, mesmo aos já escassos serviços disponibilizados àquela localidade pela Prefeitura Municipal, mediante pagamento de taxa para a instalação e a manutenção dos serviços públicos coletivos.

O senhor José Veredeano, também um ex-diretor da Associação de Moradores, ao dizer como foi viver no mesmo bairro de Marilda e Joaquina, lembrou quando, em 1982, comprou sua casa própria na cidade. Desabafou dizendo que:

aqui era assim, quando chovia era difícil de andar porque era lama e buraco, né? Quando era tempo da seca, vamos dizer assim, no tempo seco era poeira e as doença pulmonar, porque era imenso o poerão por aqui. Nós tínhamos o problema das fábricas, né? Todo entulho deles ficava a vontade. Como o nosso bairro ele tá, se você analisar o setor industrial, a gente tá mais ou menos no meio, porque fez um arco, então ele faz a volta assim [fez com as mãos um movimento que o envolveu e limitou seu espaço], ficou no mei, então toda poeira, fumaça, essas coisa, vinha pra cá. A gente tinha problema sério de saúde, porque o pessoal veio do interior.⁸

José, ao denunciar, em sua fala, a má conservação das vias públicas, uma vez que essas não eram pavimentadas, lembrou-se da presença perturbadora das fábricas que compunham o Distrito Industrial do município.

Ele apresenta os problemas que a emissão de poluentes e o acúmulo de lixo, proveniente das fábricas, causavam aos moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças. O Distrito Industrial, que era apresentado pelo poder público como um dos cartões postais da cidade, símbolo do desenvolvimento e o próprio monumento do progresso, aparecia para seu José como um grande problema. A Uberlândia *moderna* e *progressista* era apresentada pelo poder público coma a cidade do Distrito Industrial. Porém essa mesma cidade era a que relegava aos seus trabalhadores a vida no insalubre bairro operário do Nossa Senhora das Graças, o qual nascia para possibilitar condições de *desenvolvimento à cidade do futuro*.

Uberlândia ostentava no presente a peculiaridade das relações em transformação produzidas numa nova forma da organização social capitalista que se desenvolvia e, por

8 Entrevista concedida ao autor por José Veredeano de Oliveira, em abril de 2005. José é natural do Estado de Goiás e é ex-presidente da Associação de Moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças. O entrevistado têm 53 anos e é funcionário público federal da Universidade Federal de Uberlândia.

isso, explicitava os conflitos e acirrava o estado de tensão social revelando os interesses conflitantes presentes na ordem estabelecida, onde o consenso da dominação via-se crescentemente questionado.

As oferendas do mercado, que cada vez mais apresentavam as vantagens da moderna circulação de mercadorias, revelaram-se desiguais no acesso à *nova maneira de viver*, que era alardeada como sendo pertencente a todos. A direção da ordem social nessas condições tornava-se, a não ser pela coerção da força violenta (limitada em si mesma) cada vez mais insustentável.

As dificuldades encontradas por estes moradores da cidade de Uberlândia eram variadas: a falta de pavimentação das ruas, a falta de limpeza urbana dos terrenos baldios, a falta de escolas, entre vários outros.

É nesse momento que a Legenda-1,⁹ do PMDB, anunciou, em seu programa de campanha,¹⁰ que: *de janeiro de 1981 a agosto de 1982, em 46 bairros de nossa cidade, realizamos 512 reuniões em casas de famílias, alcançando um comparecimento de 6709 pessoas. Nessas reuniões foram debatidos problemas do país, do Estado e do município.*¹¹

9 A eleição realizada em 15/12/1982, para a administração do Executivo Municipal – 1983/1988, teve pelo PMDB três candidatos: Zaire Rezende, ex-vereador por dois mandatos, pela ARENA, na cidade de São Sebastião (SP); Renato de Freitas, ex-prefeito por dois mandatos em Uberlândia, na década de 70, também pela ARENA; e Aldorando José de Sousa, empresário na cidade. Devido ser a primeira eleição após a restituição do pluripartidarismo, como modelo de concorrência partidária, gerou, devido as articulações partidárias, momentos de agitação, sejam pela criação de novos partidos ou pela junção de outros, fato que produziu verdadeiras frentes eleitoreiras. Essa condição fez com que, por pressão dos partidos, fosse permitida a inscrição de até três sublegendas em cada agremiação. Em Uberlândia apenas o PMDB e o PDS se utilizaram dessa legislação.

Geraldo Rezende, vereador eleito pela Legenda Zaire Rezende, ao falar da presença de Renato de Freitas e Aldorando José de Sousa como candidatos a prefeito pelo PMDB disse: *tanto o Renato de Freitas, quanto o Aldorando José de Sousa eram de estremíssima direita. O Renato não tanto, mas era, o Renato era do PSD antigo, a família era do PSD, amigo do Toninho Rezende ne? Do qual nossa família também pertencia lá. Mas tinha o pessoal da UDN antigo, cê ta entendendo? Que vieram, também alguns pro PMDB, caso do Aldorando, era UDN. O Renato era PSD, mas o Aldorando era UDN (risos), cê ta entendendo? Então virou aquela miscelânea* (Entrevista concedida ao autor por Geraldo Gomes Rezende, em março de 2005).

O PMDB tornou-se a agremiação política que após o fim do bipartidarismo agrupou os opositoristas do regime militar pertencentes anteriormente ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), e abrigou, ainda, os arenistas que não conquistaram seus *ninhos* desejados no PDS. Essa condição fez do PMDB uma frente política que abrigou tendências de contestação/oposição moderada à política militar, ou, para ser mais claro, aos interesses da fração das elites que essa representava.

10 O programa de governo, que apresenta as intenções dos candidatos para suas atuações públicas caso fossem eleitos, foi uma inovação na estratégia eleitoral criada naquela campanha de 1982, onde a direção nacional do PMDB orientou seus candidatos a redigir e apresentá-lo à população. Zaire Rezende foi o único candidato, em Uberlândia, a realizá-lo e o apresentou como inovação que reconhecia o *direito do povo* de ser construtor de seu próprio destino, uma vez que envolveu a população na definição do programa.

11 REZENDE, Zaire. *Proposta para Ação do Governo Municipal*. Uberlândia, 1982.

Este programa de governo, divulgado com a logomarca *VENCEREMOS*, era a (suposta) atuação zairista no reconhecimento da experiência das pessoas. Era o material de campanha que, ao lado dos comícios, acenava com o comprometimento de Zaire Rezende frente as expectativas das populações no município.

Esse documento continha, em sua grande parte, as demandas reclamadas pelos eleitores expropriados e explorados da cidade, os quais tinham suas necessidades contempladas na redação impressa de um documento oficial de campanha. Era um compromisso que, em si mesmo, consolidava o reconhecimento da voz dos “invisíveis”, dos excluídos; enfim, dos insatisfeitos com suas condições de vida e do tratamento que recebiam em seus momentos de insatisfação e/ou resistência.

Por tudo isso, a *Proposta para Ação do Governo Municipal* era clara em sua definição das áreas prioritárias e imediatas para a ação do governo: *saúde, saneamento, habitação, transporte, asfaltamento das vias urbanas e fomento econômico (apoio às atividades industriais, comerciais, de serviços e agropecuárias)*.¹² Ao arranjar a disposição das prioridades de ação do governo, as necessidades da população trabalhadora pobre se posicionam na linha de frente, relegando o fomento às atividades voltadas aos proprietários dos meios de produção ao último item, que é, ainda, acompanhado do esforço em especificar, de forma vaga e geral é verdade, suas ações de auxílio.

Essa atenção foi acentuada na campanha eleitoral, onde, em cima dos palanques, o então candidato a prefeito afirmava que

*o ponto mais importante no meu plano de governo é o ser humano. Entendemos que para bem governar é necessário que o poder esteja centrado no ser humano, ao contrario do que se tem feito até agora, quando os governistas têm se preocupado com o desenvolvimento. No nosso governo o centro de tudo será o ser humano.*¹³

Esta foi, provavelmente, uma das principais afirmações políticas da candidatura de Zaire Rezende, a qual não questionava o padrão da ordem social capitalista em sua sustentação da propriedade privada dos meios de produção e, também, da organização social do trabalho, mas reconhecia os trabalhadores e a precariedade de seus modos de vida, sejam os efetivamente ocupados como força de produção ou os desempregados de um classe de explorados que se encontravam duplamente penalizados.

12 Idem. p.2

13 Zaire defende seu programa. In: *Jornal Primeira Hora*. Uberlândia, 27/10/1982, p.5.

Esses, por sua vez, eram ascendidos à categoria de *ser humano*, que “poderia falar” e que (supostamente) seriam ouvidos pelo poder público, mesmo que continuassem como trabalhadores assalariados ou desempregados. Alias, seriam assistidos justamente por não terem nada, a não ser a expectativa de superação da sua condição de explorados e/ou oprimidos, o que para muitos moradores significava serem incorporados ao mercado de trabalho, a porta de entrada para uma sociedade de consumo.

O apelo do grupo zairista pela ascensão ao poder de Estado no município, em 1982, fez-se nessa realidade social. Uma realidade ambígua e contraditória. Esse apelo absorvia desejos manifestos nas fissuras da ideologia dirigente da organização social estabelecida, a qual se encontrava (supostamente) contestada por este grupo político, que como diferencial à corrida aos gabinetes administrativos reconheceu a inviabilidade da sustentação social do projeto político em vigência na forma em que era exercido, sendo que, na defesa de seus interesses, aceitou uma coalizão de grupos mais progressistas¹⁴ em favor de um novo consenso dos dominados, o consenso de um *governo democrático e popular*.

Fontes

Jornal Correio de Uberlândia-1982/1989

REZENDE, Zaire. *Proposta para Ação do Governo Municipal*. Uberlândia, 1982.

Acervo de entrevistas realizadas e transcritas pelo autor:

__ Marilda Machado Barros (04/2005)

__ Joaquina Aparecida Moreira (04/2005)

14 O governo Zaire Rezende teve o apóio e a presença de alguns militantes clandestinos do Partido Comunista a seu governo, além de ter contado com o envolvimento, em sua campanha eleitoral, de vários párocos católicos ligados a teologia da libertação e contou, ainda, com o apóio de entidades estudantis da cidade, tanto a secundarista quanto a universitária, esta representada pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Uberlândia, que publicou e divulgou o panfleto intitulado *PORQUE ZAIRE*.

No panfleto a Entidade Estudantil afirmava que: (...) *Creemos ter chegado a hora de todos nós, povo, passarmos a assumir o papel que nos está destinado, e deixarmos de ser, assim, apenas a massa de manobra que fomos até agora de demagogos, oportunistas e toda a sorte de pessoas descomprometidas para com os legítimos interesses da comunidade.*

É dada a hora do novo, do popular, de tudo aquilo que brote verdadeiramente dos anseios de toda a gente. Basta de decisões tomadas nos gabinetes fechados e refrigerados, pois tais decisões já se mostram incompetentes. Só uma democracia participativa, de fato, pode e poderá abrir as portas para a resolução dos nossos problemas. E é baseada nesta democracia participativa que se estruturou o plano de governo de Zaire Rezende.

Assim, é do entendimento de tudo isso que damos o nosso apóio a Zaire Rezende. Pelo seu comprometimento pela democracia (...). Estudantes apóiam Zaire Rezende e lançam folheto ‘PORQUE ZAIRE’. Jornal Primeira Hora. Uberlândia, p.4, 13/11/1982.

Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

__José Veredeano de Oliveira (04/2005)